

# Revista Brasileira de Ciências Sociais Aplicadas

ISSN 3085-8151

vol. 1, n. 3, 2025

••• **ARTIGO 9**

Data de Aceite: 07/11/2025

## PRODUTOS E SERVIÇOS BASEADOS EM INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL: NEXO E REFLEXO NA BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA

**Marcos Vinícius Mendonça Andrade**

Universidade Federal Fluminense (UFF)

<http://lattes.cnpq.br/0735082959494528>



Todo o conteúdo desta revista está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0  
Internacional (CC BY 4.0).

**Resumo:** O artigo analisa produtos e serviços baseados em Inteligência Artificial (IA) aplicados em bibliotecas universitárias, com foco nos seus nexos operacionais e reflexos institucionais. A pesquisa, de natureza qualitativa e exploratória, fundamenta-se em revisão de literatura do tipo estado da arte (2018–2024). Identificam-se avanços em mediação informacional, automação de processos e personalização de serviços, mas também desafios éticos, formativos e estruturais. Conclui-se que a IA oferece oportunidades estratégicas para inovação bibliotecária, exigindo, contudo, letramento específico, governança responsável e reconfiguração das competências profissionais.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial. Bibliotecas Universitárias. Inovação em Bibliotecas.

## INTRODUÇÃO

A Inteligência Artificial (IA) está cada vez mais presente nas práticas e discursos que permeiam o cotidiano universitário. Sua introdução no ensino superior não se limita ao uso de ferramentas tecnológicas, mas implica uma reconfiguração profunda das formas de ensinar, aprender, pesquisar e gerir instituições. No plano educacional, a IA tem sido empregada em metodologias de personalização da aprendizagem, tutorias automatizadas, monitoramento de desempenho acadêmico, análise preditiva de evasão e até na geração de conteúdos didáticos. Esses usos, embora ainda em fase de maturação, indicam uma mudança de paradigma nas dinâmicas pedagógicas e organizacionais do ensino superior.

Entretanto, os impactos da IA na universidade não se restringem às salas de aula ou aos ambientes virtuais de aprendi-

zagem. Eles se expandem para outros setores estratégicos da vida acadêmica, como as bibliotecas universitárias — espaços que historicamente se constituem como centros de apoio à formação, à pesquisa e à democratização do conhecimento. Com a intensificação da transformação digital e o crescimento exponencial dos dados, as bibliotecas enfrentam o desafio de reinventar seus produtos, serviços e modelos de atuação à luz das novas tecnologias inteligentes.

Nesse cenário, começam a desponhar iniciativas que envolvem desde *chatbots* para atendimento remoto, passando por sistemas de recomendação personalizados, até plataformas baseadas em *machine learning* para organização e curadoria automatizada de acervos. Tais experiências representam não apenas a adoção de ferramentas, mas também o reposicionamento estratégico das bibliotecas frente às novas demandas informacionais e formativas da comunidade acadêmica.

No entanto, o uso da IA em bibliotecas universitárias também suscita debates fundamentais: quais as implicações éticas do uso de dados dos usuários? Que tipo de mediação a IA pode ou deve assumir? Quais os riscos da substituição de processos humanos por automatismos? E, sobretudo, como garantir que a inovação tecnológica esteja a serviço de uma educação crítica, inclusiva e socialmente referenciada?

Dante dessas questões, o presente artigo tem como objetivo analisar os produtos e serviços baseados em Inteligência Artificial que vêm sendo vinculados ao universo das bibliotecas universitárias, buscando compreender seus nexos operacionais com as práticas biblioteconômicas e seus reflexos institucionais e sociais. A partir de uma abordagem crítica, propõe-se refletir sobre

o papel da biblioteca universitária como espaço de inovação responsável e mediação inteligente no contexto da transformação digital.

Para atingir o objetivo descrito, abordam-se, na seção 3, os elementos conceituais fundamentais da Inteligência Artificial e suas aplicações mais comuns em bibliotecas universitárias, com destaque para a mudança de foco do acervo para o usuário. Na seção 4, são apresentados os resultados e discussões, com ênfase nos nexos operacionais da IA na biblioteca universitária, bem como nos reflexos sobre o papel profissional, os desafios formativos e os impactos éticos do uso da tecnologia. A seção 5 apresenta as considerações finais do estudo, com destaque para contribuições, limitações e proposições de futuras linhas de pesquisa sobre o tema.

## METODOLOGIA

A presente investigação se inscreve no campo das pesquisas qualitativas de natureza exploratória e descritiva, uma vez que busca investigar, analisar, refletir e interpretar a realidade à medida que procura compreendê-la. Este trabalho caracteriza-se como uma pesquisa do tipo “revisão bibliográfica”, voltada à identificação, mapeamento e análise da produção científica relacionada à aplicação da Inteligência Artificial (IA) em produtos e serviços voltados às bibliotecas universitárias.

Realizou-se uma revisão de literatura do tipo estado da arte sobre IA em bibliotecas universitárias, considerando o recorte temporal de 2018 a 2024, período que marca a consolidação de aplicações baseadas em modelos de *deep learning*. A revisão foi complementada por análises de experiências descritas em bases científicas internacionais,

especialmente aquelas que abordam o uso de IA no contexto da mediação informational, do atendimento automatizado e da gestão inteligente de acervos.

As estratégias de busca foram inspiradas nos procedimentos metodológicos propostos por Romanowski; Ens (2006), os quais reconhecem que as pesquisas do tipo estado da arte [...] são justificadas por possibilitarem uma visão geral do que vem sendo produzido na área e uma ordenação que permite aos interessados perceberem a evolução das pesquisas na área, bem como suas características e foco, além de identificar as lacunas ainda existentes.”

## INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E A BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA: BREVES ELEMENTOS CONCEITUAIS

Inteligência Artificial – IA – é o campo da ciência da computação que projeta sistemas capazes de executar tarefas que, se realizadas por humanos, demandariam inteligência (raciocínio, aprendizagem, reconhecimento de padrões, linguagem, autonomia decisória). Essa definição, proposta ainda na década de 1950 e popularizada por autores como Russell; Norvig (2003), continua válida, mas os sistemas de inteligência artificial não são capazes apenas de armazenar e manipular dados, como também adquirir, representar e manipular diferentes tipos de conhecimento.

Entre suas capacidades-chave destacam-se raciocínio, aprendizado a partir de dados e reconhecimento de padrões. De forma didática, distinguem-se três categorias:



Descrição: Infográfico ilustrando as três categorias de IA

**Figura 1 – Categorização da IA**

**Fonte:** adaptado de Kaufman, 2020

Percebe-se, então, que a Inteligência Artificial pode ser classificada em três categorias principais, de acordo com sua complexidade e nível de autonomia. A IA fraca corresponde a sistemas especializados que executam tarefas específicas, imitando comportamentos humanos sem, no entanto, possuir consciência ou compreensão real. Um exemplo clássico dessa categoria são os *chatbots de FAQ*, programados para oferecer respostas automáticas com base em regras pré-definidas.

Em relação à IA forte representa uma perspectiva ainda hipotética, na qual as máquinas teriam capacidade cognitiva comparável à humana, ou seja, seriam capazes de raciocinar, aprender de forma autônoma, tomar decisões complexas e adaptar-se a contextos variados.

Por fim, a superinteligência refere-se a um estágio teórico em que a IA superaria a inteligência humana em praticamente todos os domínios, sendo capaz de operar de forma totalmente autônoma. Essa categoria, embora ainda pertença ao campo das especulações, levanta importantes debates éticos

e filosóficos sobre o futuro da inteligência artificial.

Compreende-se, portanto, que a Inteligência Artificial se configura como um campo interdisciplinar voltado ao estudo e ao desenvolvimento de sistemas capazes de executar tarefas que, se realizadas por seres humanos, seriam interpretadas como demonstrações de inteligência. Entre suas capacidades essenciais, destacam-se o raciocínio, a aprendizagem baseada em dados e o reconhecimento de padrões complexos.

No âmbito das Bibliotecas — particularmente as universitárias —, o levantamento preliminar indica que o crescimento das publicações relacionadas à temática da IA coincide com o período de consolidação e maturidade das abordagens de *deep learning*, a partir de 2018, conforme exposto nas seções a seguir.

## Tipos de IA mais comuns em bibliotecas

A literatura evidencia que *chatbots* de referência são o uso mais difundido, oferecendo respostas básicas e guiando pesquisas, mas exigem supervisão humana para garan-

tir qualidade da informação. Outro eixo recorrente é a automação de catalogação e indexação, favorecendo ganho de escala e consistência e padronização. Outro eixo recorrente é a automação de catalogação e indexação, favorecendo otimização de equipes, diminuição do retrabalho além do ganho de escala e consistência.

Observa-se uma tendência crescente de adoção de modelos de análise preditiva e gestão baseada em dados, impulsionada pelas potencialidades da Inteligência Artificial. Esses modelos permitem projetar a demanda por empréstimos, identificar padrões de evasão de usuários, sugerir aquisições ou descartes de acervo e otimizar a alocação de recursos. Andrade; Santos (2024) frisam que ao transformar dados operacionais em informações estratégicas, a IA contribui para a gestão mais eficiente das coleções e para a tomada de decisões fundamentadas em evidências, alinhadas às reais necessidades da comunidade acadêmica.

Outro eixo promissor de aplicação da IA nas bibliotecas universitárias é a personalização da experiência do usuário, especialmente por meio de sistemas de recomendação de livros, artigos e outros recursos informacionais. Esses sistemas, muitas vezes baseados em algoritmos de aprendizagem de máquina, são capazes de gerar perfis de aprendizagem e sugerir trajetórias de pesquisa individualizadas (López-Gómez, 2025). Como resultado, observa-se um aumento no engajamento dos usuários, maior relevância nas descobertas informacionais e uma tendência à fidelização, na medida em que os serviços se tornam mais responsivos e ajustados aos interesses e necessidades de cada indivíduo.

Evidencia-se, portanto, que as bibliotecas universitárias vêm progressivamente

abandonando uma concepção centrada no acervo para adotar modelos de atuação orientados à experiência do usuário. Tal transição é sustentada pelo uso de dados sobre comportamento informacional, preferências e hábitos individuais, que possibilitam a oferta de serviços personalizados e mais responsivos às demandas da comunidade acadêmica. Essa reconfiguração sinaliza uma mudança de paradigmas que será aprofundada na próxima seção, ao se discutir a passagem do foco no acervo para o foco no usuário como elemento estruturante das práticas contemporâneas em bibliotecas universitárias.

### Do acervo ao usuário: mudança de foco

Durante grande parte do século XX, a biblioteca universitária era descrita como “templo do acervo”: prestígio institucional medido em metros lineares de estantes, número de exemplares e rigor catalográfico. A lógica era adquirir, classificar, preservar (Damasco, 2012). A progressiva digitalização da informação – catálogos on-line (década de 1990), bases de dados licenciadas (2000) e repositórios de acesso aberto (2010) – já vinha deslocando esse eixo, mas é com a chegada dos sistemas de IA que o paradigma se inverte de forma decisiva: o acervo deixa de ser ponto de chegada e passa a ser meio para a experiência do usuário. O ciclo descrito por Andrade; Santos (2024) – **“mais uso → mais dados → melhor serviço”** – cria uma retroalimentação que era inimaginável na era apenas bibliográfica.

Esse deslocamento pode gerar, por sua vez, novos indicadores de uso e performance. A contagem de volumes cede lugar a métricas de engajamento (tempo de sessão, taxa de cliques em recomendações),

aprendizagem (ganhos de desempenho relatados) e equidade de uso e acesso (cobertura de grupos, acesso e qualidade de uso da informação).

Por oportuno, importante destacar que colocar o usuário no centro não elimina responsabilidades tradicionais – apenas as reconstrói. Se algoritmos sugerem leituras, bibliotecários precisam auditar vieses, explicar critérios e garantir diversidade de autoria; se dados de uso orientam decisões, políticas claras de privacidade e anonimização tornam-se inegociáveis (Divino, 2024). Dessa forma, o foco no usuário, catalisado pela IA, não é mero “atendimento mais rápido”: significa redesenhar serviços, fluxos e ética profissional para uma cultura de aprendizagem contínua, inclusiva e orientada por dados.

Nesse sentido, Souza (2025), enfatiza que a IA tem criado um novo ambiente de “aprendizagem centrada no usuário”, que exige um novo olhar sobre o papel do bibliotecário. Se antes o foco era a descrição e organização de documentos, agora amplia-se a atuação como curador, mediador digital e “educador informacional”. É necessário compreender os mecanismos das ferramentas de IA, suas possibilidades e limitações, e atuar como filtro crítico entre o usuário e a tecnologia — garantindo, por exemplo, diversidade, inclusão e ética na recomendação de conteúdo.

O uso da IA na biblioteca universitária, portanto, impulsiona uma transformação epistemológica: ela reconfigura a forma como o conhecimento é oferecido, mediado e apropriado, e desloca o papel do bibliotecário para um novo ponto de articulação entre dados, algoritmos e direito ao acesso pleno à informação (Pinheiro; Costa; Vitoriano, 2025).

É essa transição – de repositório para um ecossistema informacional responsivo – que define a maturidade da biblioteca na era da inteligência artificial: quanto mais centrada estiver no usuário, mais efetiva será sua função social e educativa. Como Campello (2024) analisa, [...] a biblioteca deixa de ser apenas um espaço físico ou digital para se tornar uma infraestrutura pedagógica sensível, ética e orientada por dados, capaz de responder às dinâmicas do ensino superior contemporâneo (p. 86).

## PRIMEIROS RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados da pesquisa bibliográfica (2018-2024) permitem perceber um movimento consistente na literatura recente, que reforça a necessidade de a biblioteca universitária ultrapassar sua tradicional função de acesso à informação e reafirmar-se como agente ativo na construção social do conhecimento. Essa perspectiva ganha relevância em um cenário em que a inteligência artificial não apenas media, mas também participa da produção, validação e circulação do saber, influenciando diretamente as formas de ensinar, aprender e pesquisar.

### Nexo: a integração da inteligência artificial na biblioteca universitária

Percebe-se que as iniciativas de IA em bibliotecas universitárias já vão muito além das abordagens teórica e dos protótipos.

Os produtos e serviços baseados em IA já redesenham a paisagem das bibliotecas universitárias, deslocando o foco do acervo para a experiência do usuário, sem abdicar dos princípios de preservação, inclusão e acesso equitativo. A maturidade institucio-

nal dependerá da capacidade de articular tecnologia, governança ética e competências humanas, garantindo que o nexo tecnológico se converta em reflexo positivo para ensino, pesquisa e extensão.

A consolidação da Inteligência Artificial nas bibliotecas universitárias já pode ser observada em serviços efetivos, que operam em diferentes níveis de complexidade e integração. No infográfico abaixo, elencamos alguns exemplos que ilustram o potencial de transformação do cotidiano bibliotecário:



Descrição: infográfico ilustrando o potencial de transformação do cotidiano bibliotecário

**Figura 2** – O cotidiano bibliotecário e IA

Fonte: adaptado de Souza (2025)

Esses exemplos sinalizam um movimento claro: a biblioteca universitária, ao integrar soluções de IA, passa a atuar proativamente na mediação do conhecimento, antecipando necessidades, personalizando o atendimento e otimizando recursos. Mais do que adotar novas ferramentas, trata-se de reconfigurar os modos de presença e relevância da biblioteca no ecossistema acadêmico.

## Reflexo: impacto, desafios e oportunidades

A emergência da Inteligência Artificial nos ambientes acadêmicos e informacionais expõe uma lacuna sensível na formação e na atuação profissional do bibliotecário: a ausência de letramento específico em IA, entendido aqui como a capacidade de compreender, interpretar, utilizar criticamente e ensinar sobre sistemas baseados em algoritmos e aprendizado de máquina.

O conceito de *AI Literacy*, ou letramento em inteligência artificial, pode ser compreendido como a **capacidade de entender os fundamentos da IA reconhecer suas aplicações e limitações, avaliar criticamente seus resultados e interagir com ela de forma ética e responsável**<sup>1</sup> (Long; Magerko, 2020). Trata-se de uma competência multidimensional que envolve não apenas o conhecimento técnico básico das tecnologias de IA, mas também a habilidade de refletir sobre seus impactos sociais, educacionais e informacionais<sup>2</sup>.

No trabalho de Ng *et al.* (2021) é possível ampliar essa definição ao descrever o letramento em IA como a capacidade de compreender os princípios e técnicas que sustentam a inteligência artificial nos diversos produtos e serviços digitais do cotidiano. Além disso, o conceito está associado a fatores como confiança percebida, disposição para aprender, consciência crítica e capacidade de adaptação diante de sistemas baseados em IA.

Entende-se então que o letramento em IA não se restringe ao domínio técnico, mas envolve uma postura crítica, reflexiva e ética frente à crescente automatização da sociedade. Para os bibliotecários, essa competência

1. Tradução nossa
2. Grifo nosso

torna-se cada vez mais essencial no contexto universitário, à medida que a mediação da informação passa a ocorrer, em grande parte, por meio de sistemas algorítmicos.

Esse letramento inclui ao menos quatro dimensões essenciais: **Compreensão conceitual** – saber o que são algoritmos, como operam sistemas de aprendizado de máquina; **Capacidade crítica** – reconhecer que os sistemas não são neutros, que carregam vieses e que precisam ser auditáveis; **Uso ético e responsável** – compreender implicações legais (como a LGPD), direitos de propriedade intelectual e os limites da automação; **Ação pedagógica** – ser capaz de ensinar usuários e pares a usar IA com consciência e responsabilidade.

Entretanto, Amaral et al. (2025) destacam que grande parte dos currículos dos cursos de Biblioteconomia ainda se baseia em modelos informacionais tradicionais, centrados em práticas clássicas de organização e recuperação da informação. Isso gera um descompasso preocupante frente à velocidade com que a Inteligência Artificial tem sido incorporada aos ambientes informacionais contemporâneos. A formação oferecida, em muitos casos, não prepara os futuros profissionais para atuarem de forma crítica, criativa e estratégica com as novas tecnologias que moldam o ecossistema digital universitário.

Como resultado, muitos bibliotecários relatam insegurança diante da natureza dos sistemas baseados em IA, principalmente os modelos generativos. É comum a dificuldade de interação técnica com essas plataformas, bem como o desconhecimento de como tais tecnologias influenciam as práticas de mediação da informação, a curadoria de conteúdos e a avaliação da qualidade informacional. Essa lacuna formativa não é

apenas técnica — ela compromete a atuação profissional em sua dimensão ética, educacional e estratégica.

A ausência de letramento em IA pode gerar reflexos negativos em múltiplos níveis. Entre eles, destaca-se o “desempoderamento” profissional, com o bibliotecário se tornando dependente de técnicos externos ou sistemas de “caixa-preta”, perdendo autonomia na avaliação e no uso da tecnologia. Soma-se a isso a dificuldade de auditar algoritmos e interpretar seus resultados, o que pode comprometer a qualidade da mediação informacional. (UNESCO, 2019). A falta de domínio conceitual também leva à inibição da inovação, impedindo que o bibliotecário proponha soluções baseadas em IA, e à fragilidade pedagógica, ao não conseguir atuar como educador informacional num dos temas mais urgentes da atualidade.

A IFLA (2020), alerta. Inclusive, que a capacitação em IA deve ser considerada uma “competência-chave da biblioteconomia contemporânea”, indispensável para garantir que os profissionais da informação não apenas acompanhem as transformações em curso, mas possam liderá-las com criticidade, ética e visão estratégica.

O letramento em inteligência artificial é hoje uma fronteira crítica da atuação bibliotecária. Não se trata apenas de aprender a “usar uma nova ferramenta”, mas de compreender uma nova lógica de mediação da informação, capaz de reconfigurar o acesso ao conhecimento, a relação com os usuários e o próprio papel da biblioteca na universidade.

Sem esse letramento, há o risco de substituição do trabalho bibliotecário por soluções automatizadas; com ele, abre-se o caminho para uma biblioteca universitária

mais estratégica, inovadora e comprometida com a formação crítica e ética da comunidade acadêmica.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença crescente da Inteligência Artificial no ensino superior e, em particular, nas bibliotecas universitárias, representa mais do que uma inovação tecnológica: trata-se de uma reconfiguração profunda das práticas informacionais, dos papéis profissionais e das formas de mediação do conhecimento. Ao longo deste artigo, buscou-se identificar e analisar os produtos e serviços baseados em IA já disponíveis ou em implementação no ambiente das bibliotecas universitárias, com foco nos seus nexos operacionais e reflexos institucionais e formativos.

A pesquisa revelou que a IA já se faz presente em diversas frentes, como o atendimento inteligente por meio de *chatbots*, a personalização da experiência de pesquisa com sistemas de recomendação, a automação de processos técnicos e o apoio à produção acadêmica com ferramentas de linguagem natural. Tais soluções ampliam a capacidade de resposta das bibliotecas, promovem maior eficiência e possibilitam uma mediação informacional mais proativa e ajustada aos perfis dos usuários. Entretanto, os benefícios da IA só se realizam plenamente quando acompanhados de governança ética, transparência algorítmica e políticas institucionais claras de proteção de dados e inclusão digital.

Os reflexos desse processo também afetam diretamente os profissionais da informação, que precisam desenvolver novos conhecimentos e habilidades para atuar com protagonismo na era da IA. A ausência de letramento em IA pode limitar o papel do

bibliotecário, restringindo sua capacidade de inovar, avaliar criticamente as ferramentas utilizadas e formar usuários conscientes. Por isso, a capacitação em IA deve ser tratada como um eixo estratégico nas políticas de formação inicial e continuada, além de ser incentivada pelas instituições de ensino e pelas próprias bibliotecas.

Como desdobramento deste estudo, sugerem-se algumas linhas futuras de pesquisa que podem aprofundar a compreensão sobre a integração da Inteligência Artificial nas bibliotecas universitárias. Entre elas, destaca-se a necessidade de avaliar o impacto dos serviços baseados em IA no uso do acervo físico e digital, observando mudanças nos padrões de comportamento informacional dos usuários. Também se recomenda a realização de análises longitudinais sobre a satisfação e o engajamento dos usuários com serviços automatizados, como chatbots, sistemas de recomendação e curadoria algorítmica. Por fim, seria pertinente investigar o desenvolvimento e a efetividade de políticas institucionais para o uso ético e estratégico da IA considerando aspectos como transparência, proteção de dados, acessibilidade e equidade de acesso.

Nesse contexto, o *fora* constituído o Grupo de Pesquisa “Tecnologias Disruptivas Aplicadas no Contexto da Biblioteca Universitária Cidadã”<sup>3</sup> que se configura como um espaço privilegiado para o aprofundamento dessas discussões. Vinculado ao Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq, o grupo tem como foco o estudo e a experimentação de tecnologias emergentes no âmbito das bibliotecas universitárias, buscando com

3. TECNOLOGIAS Disruptivas Aplicadas no Contexto da Biblioteca Universitária Cidadã. Grupo de pesquisa. Disponível em: <https://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/9921826502733515>. Acesso em 19 out. 2025.

preender seus impactos sobre os processos de mediação da informação, inclusão digital e inovação em serviços. Assim, sua atuação oferece um campo fértil para o desenvolvimento de investigações que articulem a inteligência artificial, a cidadania informacional e o papel social das bibliotecas no ecossistema universitário contemporâneo.

Conclui-se, portanto, que a integração da IA nas bibliotecas universitárias deve ser orientada por um equilíbrio entre inovação e responsabilidade. Cabe às bibliotecas não apenas adotar tecnologias emergentes, mas também liderar processos de reflexão crítica, inclusão informacional e desenvolvimento ético no uso da inteligência artificial. Ao fazê-lo, consolidam-se não apenas como espaços de acesso ao conhecimento, mas como agentes ativos na construção de uma cultura universitária crítica, ética e tecnicamente qualificada para lidar com os desafios da sociedade algorítmica.

## REFERÊNCIAS

ADETAYO, A. J. Artificial intelligence chatbots in academic libraries: the rise of ChatGPT. *Library Hi Tech News*, n. 3, p. 18-21, 2023. Disponível em: <https://www-periodicos-capes-gov-br.ez24.periodicos.capes.gov.br/>. Acesso em: 10 jun. 2024.

ANDRADE, M. V. M. Considerações sobre a cibercultura e a aplicação das tecnologias da informação e comunicação nos processos educativos In: **Educação presencial e a distância: desafios e reflexões**. Maringá: Uned-sul, 2020, p. 23-52. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/22399>.

ANDRADE, M. V. M.; SANTOS, A. R. Inteligência artificial no contexto das Bibliotecas Universitárias: conceitos e tendências. In: ALMEIDA, F. M. **Ciência e tecnologia: catalisadores da inovação 3**. 1ed. Ponta Grossa: Atena

Editora, 2024, v. 3, p. 75-86. Disponível em: <https://doi.org/10.22533/at.ed.794242712>. Acesso em 13 maio 2025.

CAMPELLO, B. **A biblioteca como lugar de aprendizagem**. São Paulo: Autêntica, 2024.

DAMASCENO, K. S. **Aplicações dos princípios da Gestão Estratégica no Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Ceará**. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Programa de Pós Graduação em Políticas Públicas e Gestão da Educação Superior, Fortaleza, 2012. Disponível em: [http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5781/1/2012\\_dis\\_ksdamasceno.pdf](http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/5781/1/2012_dis_ksdamasceno.pdf). Acesso em 17 maio 2025.

DIVINO, S. Inteligência Artificial generativa no Ensino Superior: diretrizes para superação dos dilemas didáticos, éticos e legais. *Revista Pedagogía Universitaria y Didáctica del Derecho*, v. 1, n. 1, 2024. Disponível em: <https://pedagogiaderecho.uchile.cl/index.php/RPUD/article/view/74070/76728>. Acesso em: 05 jun. 2025.

IFLA. INTERNATIONAL FEDERATION OF LIBRARY ASSOCIATIONS AND INSTITUTIONS. ne. 2020. Disponível em: <https://repository.ifla.org/handle/123456789/1646>. Acesso em: 22 maio 2025.

KAUFMAN, D. Inteligência Artificial: repensando a mediação. *Braz. J. of Develop*, Curitiba, v. 6, n. 9, 2020. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/16481>. Acesso em: 05 jun. 2025.

LONG, D.; MAGERKO, B. What is AI Literacy? Competencies and Design Considerations. In: **Proceedings of the 2020 CHI Conference on Human Factors in Computing Systems (CHI '20)**. Association for Computing Machinery, New York, 2020, p. 1-16. Disponível em: <https://doi.org/10.1145/3313831.3376727>. Acesso em: 04 jun. 2025.

LÓPEZ-GÓMEZ, S. et. al. A Inteligência Artificial no Contexto Universitário: contribuições da Pesquisa. *Revista Lusófona da Educação*, v. 65, n. 65, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.24140/issn.1645-7250.rle65>. Acesso em 13 maio 2025.

NG, D. T. K.; LEUG, J. K. L.; CHU, S. K. W.; OIAO, M. S. Conceptualizing AI literacy: An exploratory review. *Computers and Education: Artificial Intelligence*, n. 2, 2021. disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.caai.2021.100041>. Acesso em 04 jun. 2025.

PINHEIRO, M. H. B.; COSTA, M. R. M.; VITÓRIANO, M. A. V. A interface entre inteligência artificial e letramento informacional no ensino superior: contextos, avanços e desafios inter e multidisciplinares. *Encontros Bibli*: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação, Florianópolis/SC, Brasil, v. 30, p. 1–20, 2025. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/103105>. Acesso em: 4 jun. 2025.

ROMANOWSKI, J. P.; ENS, R. T. As pesquisas denominadas do tipo “estado da arte” em educação. *Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 6, n. 19, 2006. p. 37-50. Disponível em: [www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf](http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf). Acesso em: 4 jun. 2025.

RUSSEL, S. J.; NORVIG, P. **Inteligência Artificial**. Rio de Janeiro: Elsevier Campus, 2013.

SOUZA, N.M.T. Bibliotecas acadêmicas como polos de competência em inteligência artificial. *Discov Artif Intell*, v. 5, n. 221, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s44163-025-00490-8>. Acesso em 19 out. 2025.

TRINDADE, A. S. C. E.; OLIVEIRA, P. O. Inteligência artificial (IA) generativa e competência em informação: habilidades informacionais necessárias ao uso de ferramentas de IA generativa em demandas informacionais de natureza acadêmico-científica. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v. 29, 2024.

UNESCO. Comissão Mundial da UNESCO sobre a Ética do Conhecimento Científico e Tecnológico. 2019. *Estudo preliminar sobre a ética da Inteligência Artificial*. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000367823>. Acesso em: 05 jun. 2025.